

HEGEL E O PROBLEMA DO CETICISMO

Oscar Cavalcanti de Albuquerque Bisneto*

RESUMO:

O desafio cético é um tema presente no pensamento de Hegel desde 1802, época em que publica, no *kritisches Journal der Philosophie*, seu artigo *Verhältnis des Skepticismus zur Philosophie*. A preocupação primeira de Hegel, neste artigo, consiste em desfazer um mal-entendido que havia se tornado um lugar comum nas discussões filosóficas de seu tempo, difundido sobretudo a partir da publicação do *Aenesidemus* de Gottlob E. Schulze, que identificava o ceticismo antigo a uma espécie de empirismo “vulgar”. Segundo Hegel, ainda que o ceticismo antigo possa ser avaliado a partir de diferentes pontos de vista, sob hipótese alguma ele poderia ter tomado a experiência sensível como critério último de verdade. Ao contrário, sustenta ele, a postura cética entre os antigos estava voltada em seus ataques, em primeiro lugar, contra o conhecimento do tipo sensível. Dito isso, convém frisar que a nossa pesquisa consiste em mostrar que o ceticismo pirrônico desempenha uma importante função na economia interna do pensamento de Hegel. Conforme entendemos, essa importância reside no fato de que alguns dos principais argumentos do pirronismo, tal como aparecem no livro primeiro das *Hipotiposis*, estão diretamente ligados ao processo de fundamentação do início do sistema hegeliano.

Palavras-chave: Hegel – Ceticismo - Fundamentação

O pensamento de Hegel ainda hoje é acusado, como sabemos, de ter cometido diversos deslizamentos epistemológicos, constituindo sua filosofia, então, a mais alta dose de dogmatismo, que, presume-se, somente o cientificismo e a análise lógica da linguagem poderiam erradicar⁶⁰. Embora tal acusação seja correta em relação ao período de Berna, cuja preocupação central era de caráter eminentemente prático-religioso, o mesmo não se pode afirmar no tocante aos períodos subsequentes, sobretudo ao de Iena. Em vista disso, esta pesquisa encontra sua justificativa na suposição de que a figura do ceticismo, longe de ser negligenciada, desempenha uma função realmente importante no conjunto de sua filosofia, na medida em que ela se encontra na base do projeto de fundamentação do sistema hegeliano⁶¹.

* Doutorando em filosofia (e-mail: oscar.bisneto@bol.com.br; Endereço: R. Voluntários da Pátria, 670-Cidade Alta, Natal-RN; Tel: 84-88827010; Intituição: Ufrn; Agência de Fomento: Capes).

⁶⁰ FORSTER 1989, p. 98.

⁶¹ Embora seja esse, de fato, o foco principal da nossa pesquisa, isto é, destacar o papel que os principais argumentos dos antigos céticos desempenham no processo de fundamentação do sistema hegeliano, sabemos, todavia, que não podemos prescindir, ao longo do nosso estudo, de uma consideração mais atenta do contexto mais abrangente do Idealismo alemão.

Em outras palavras, tal projeto de fundamentação constitui, conforme entendemos, o elemento teórico determinante que teria levado nosso autor a se ocupar com o problema do ceticismo, especialmente – pelas razões que vamos apresentar – com aquele de linhagem pirrônica⁶².

Agora, para tornar mais claro o significado filosófico que a postura cética ocupa no sistema de Hegel, nosso ponto de partida deve girar em torno de sua apreciação crítica da história do ceticismo, cujo material vamos buscar no ensaio de 1802, *Relação do Ceticismo com a Filosofia*, bem como em algumas passagens da *Fenomenologia do Espírito* e das *Lições sobre a História da Filosofia*, textos nos quais a figura do ceticismo recebe destacada atenção por parte do nosso autor. Porém, na medida em que representa como que o alicerce lógico-ontológico do absoluto, a *Ciência da Lógica* passa a ser o foco de nossas atenções apenas num segundo momento, quando tratarmos do projeto de fundamentação do sistema.

Após analisar alguns dos principais aspectos da história do ceticismo, Hegel passa a sustentar a tese de que em toda a tradição filosófica, apesar da flagrante heterogeneidade de postura entre os próprios céticos, encontramos, a rigor, apenas duas correntes céticas – uma antiga, outra moderna⁶³ (esta última, vale frisar, sempre associada ao *Enesidemo* de Schulze⁶⁴). O fato inusitado aqui consiste, porém, na sua posição quanto à relevância que cada uma dessas correntes possui para o empreendimento filosófico, já que entre a antiga e a moderna, diferente do que pensa a maioria dos intérpretes do ceticismo⁶⁵ – como Hume, por exemplo –, ele não enxerga um aperfeiçoamento da prática cética, mas antes uma degeneração da mesma⁶⁶. Segundo o autor da *Fenomenologia*, isso ocorre porque o ceticismo moderno restringe suas objeções à filosofia especulativa, com a censura de que esta constrói seu conhecimento totalmente desvinculado da experiência, mas, em contrapartida, deixa o conhecimento sensível intacto, pelo fato de que este constitui um tipo de conhecimento *evidente* completamente fora do alcance das dúvidas céticas.

⁶² Isto é, determinado tipo de ceticismo, inspirado nos preceitos básicos dos ensinamentos de Pirro de Élis, considerado pela tradição como o criador da doutrina cética.

⁶³ Ainda que as censuras de Hegel ao ceticismo moderno possam se estender a toda uma vasta gama de filosofias, segundo ele impregnadas de ceticismo, como, por exemplo, o probabilismo de Hume ou a filosofia crítica de Kant – este que, segundo ele, representa uma sorte de "ceticismo imperfeito", pois assegura um "conhecimento" fenomenal ao mesmo tempo em que nega definitivamente um conhecimento da coisa em si, ao menos para nós, humanos, cuja estrutura cognitiva é finita (HARRIS 2000, p. 256) –, é particularmente com o tipo de ceticismo advogado por Schulze que Hegel está preocupado, quando escreve seu artigo *Relação do Ceticismo com a Filosofia* (1802). Com o sistema já maduro, apesar das repetidas alusões a Hume e a Kant, é novamente o nome de Schulze que reaparece associado ao ceticismo moderno, tanto na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (1830) quanto nas *Lições sobre a História da Filosofia* (1838).

⁶⁴ Segundo Teófilo Urdanoz, Schulze figurava como o adversário mais penetrante e profundo do sistema de Kant na primeira hora. Sua principal obra foi a da crítica do kantismo, o *Enesidemo* de 1792. Para mais, cf. URDANOZ 1975, 125.

⁶⁵ Cf. FORSTER 1989, p. 9.

⁶⁶ Acerca da superioridade do ceticismo antigo sobre o moderno, cf. FORSTER 1989, p. 10; Cf. PIPPIN 1989, p. 96.

Das razões levantadas por Hegel contra a incoerência dos cétricos modernos, uma, segundo entendemos, deve se encontrar na base de todas as demais⁶⁷, qual seja, a de que Schulze defende que o verdadeiro motivo do surgimento do ceticismo entre os antigos residiria nas pretensões especulativas dos dogmáticos. De modo que a natureza das dúvidas levantadas pelos pirrônicos se estenderia apenas àquela classe de conhecimento que se adquire através da razão. Não apenas isso, os pirrônicos *teriam* admitido que há um conhecimento certo mediante os sentidos (HEGEL 2000, p. 320).

Segundo nosso autor, porém, um cético como Schulze, que toma a experiência sensível como critério último de verdade, torna-se totalmente injusto em relação às fontes de sua doutrina, porque foi justamente deste tipo de critério que os antigos mais se afastavam⁶⁸. Por esse motivo, essa postura cética moderna só pode exercer seu ceticismo, julga Hegel, de uma maneira completamente dogmática, visto que toda sua crítica à filosofia teórica está fundada num comprometimento ingênuo com algumas teses injustificáveis, sobretudo do ponto de vista dos antigos pirrônicos. Diferente da postura autêntica destes últimos, que consistia em nada afirmar, a dos modernos torna-se ela mesma dogmática no exato momento em que deixa de ser isenta de pressupostos, ou seja, quando lança mão da experiência sensível para refutar as afirmações da filosofia teórica.

No que diz respeito aos antigos pirrônicos, entretanto, o conteúdo do seu pensamento não pode ser alvo de nenhuma das censuras levantadas há pouco contra os cétricos modernos. Essa modalidade antiga de ceticismo, com efeito, goza de um grande mérito filosófico, pela simples razão, para Hegel de fundamental importância, de que estava totalmente dirigida, em seus ataques, primeiro e antes de tudo, contra a consciência imediata, que sempre toma o dado sensível como algo estável. Ademais, na medida em que os pirrônicos estendiam sua *sképsis* tanto ao conhecimento empírico quanto ao conhecimento racional (HEGEL 2000, p. 320), mostrando, ainda que ceticamente⁶⁹, a contradição como um aspecto inerente a todas as coisas, no entender do nosso autor, eles não só exibem um profundo conhecimento

⁶⁷ Vale salientar que, em função do objetivo aqui traçado, não vamos abordar todas as críticas hegelianas a esta última forma de ceticismo, mas tão somente aquelas que nos conduzem à análise hegeliana dos argumentos dos antigos pirrônicos, que, no nosso entendimento, guardam ligação direta com o projeto hegeliano de fundamentação da ciência especulativa.

⁶⁸ Pois, como se sabe, os dez tropos de Enesidemo – que Hegel equivocadamente atribuiu a Pirro de Élis –, com exceção do último, tinham como alvo de seus ataques unicamente o tipo de conhecimento fundado na realidade sensível.

⁶⁹ Isto é, numa perspectiva hegeliana, sem defender um determinado conteúdo particular. Diferente do que fazem os cétricos modernos, quando afirmam *duplamente*: não apenas que temos conhecimento certo dos fatos da consciência, mas também quando elegem um critério de verdade como infalível, pois, para eles, nada do que ensina a experiência, como já foi mencionado, é passível de dúvida.

especulativo das categorias filosóficas⁷⁰, como também simbolizam o momento da negatividade no processo dialético⁷¹ progressivo de “autoconhecimento da *Idéia*”.

Noutras palavras, quando, nas *Lições sobre a História da Filosofia*, Hegel afirma que o ceticismo *encerra a dialética de todo conteúdo determinado*⁷², ele está se referindo não aos céticos modernos, que igual a Schulze, como vimos, tomam a experiência como critério de verdade – incorrendo assim num crasso dogmatismo –, mas sim aos antigos céticos. Somente estes, salienta nosso autor, determinam uma forma estritamente dialética de superação na qual, em verdade, acaba sendo conservado tudo aquilo que antes fora superado⁷³. Exatamente por isso, o ‘autêntico’ ceticismo pirrônico representa, numa perspectiva interna ao sistema hegeliano, a mola propulsora do movimento dialético, ao mostrar a necessidade de superação em tudo o que é naturalmente finito. Como vem dito no capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito*, todo *outro* tende a desvanecer diante do infinito poder do *negativo* da consciência-de-si cética⁷⁴.

À ausência de dogmatismo dos antigos deve-se ainda acrescentar o elemento teórico que, no entender de Hegel, constitui o ponto forte da prática cética entre os pirrônicos, e que merece especial atenção não apenas por impedir que o pirrônico ataque determinadas crenças com base em outras crenças igualmente dogmáticas – tal como procedera inadvertidamente o ceticismo moderno⁷⁵ – mas, acima de tudo, por legitimar a reiterada prática pirrônica da suspensão do juízo⁷⁶ (*epoché*), a saber: os cinco tropos⁷⁷ (*tropoi*) de Agripa⁷⁸. Por isso, faz-se necessário um breve comentário sobre os mesmos.

Ao darmos ouvidos a Sexto Empírico⁷⁹, verificamos que o primeiro tropo conduz o pirrônico à suspensão do juízo com base na constatação histórica da *diversidade* dos sistemas

⁷⁰ HEGEL 1997, p. 453.

⁷¹ Acerca da influência dos argumentos céticos na formação da dialética hegeliana, cf. FORSTER 1989, p. 171; cf. FORSTER 1998, pp. 130-170.

⁷² Cf. HEGEL 1997, p. 422.

⁷³ O que nos remete necessariamente ao conceito de *aufheben* (que Paulo Meneses traduz por *suprassumir*), formulado por Hegel, tão importante para sua concepção de dialética. Cf. HEGEL 1838, p. 422.

⁷⁴ HEGEL 1807, p. 138.

⁷⁵ FORSTER 1989, p. 11.

⁷⁶ Isto é, como a cada discurso levantado sempre se pode aduzir outro do lado oposto com igual peso epistêmico (*equipolência*), o pirrônico simplesmente se abstém de escolher entre os dois, caracterizando assim sua famosa suspensão do juízo.

⁷⁷ Como veremos adiante, os tropos consistem basicamente numa série de argumentos, recolhidos no universo mesmo das discussões filosóficas, que tinham como principal finalidade legitimar o processo de suspensão do juízo entre os céticos antigos. (HARRIS 2000, p. 260).

⁷⁸ Pouco ou nada se sabe com segurança a respeito desse filósofo cético. Apesar disso, Sexto Empírico e Diógenes Laércio estão de acordo com relação ao fato de que esses cinco tropos da suspensão do juízo são realmente de sua autoria.

⁷⁹ Na verdade, um médico de profissão, segundo Popkin, que por ter sido o único cético pirrônico grego cuja obra, ainda que obscura e sem qualquer originalidade, ficara intacta, haveria de nos legar quase tudo o que hoje sabemos por ceticismo antigo. Para mais, cf. POPKIN 2000, p. 50.

filosóficos⁸⁰, já que, dada a igualdade epistêmica dos mesmos (*equipolência*), não há como escolher entre eles senão arbitrariamente; o segundo consiste no *regresso ao infinito* ao qual se vê comprometida toda tentativa de fundamentação; o terceiro, por sua vez, é o da *relação*, segundo o qual nada se mostra em sua pureza mas sempre em relação com algo outro; sendo o quarto o do *axioma* ou da *hipótese*, que consiste no fato de postular um primeiro princípio com base unicamente no arbítrio, conferindo assim ao cético o mesmo direito de postular outro princípio igualmente válido do lado oposto; e, enfim, o quinto, o da *prova circular*, no qual se prova o fundamentado mediante o fundamento e este, por sua vez, mediante aquele⁸¹.

Todas as doutrinas dos dogmáticos, por esse motivo, encontram-se fatalmente envolvidas em sua malha lógica de refutação. Numa palavra, as premissas que servem de base aos sistemas filosóficos, sem margem a exceção, esbarram necessariamente em pelo menos um daqueles tropos. Acerca da virulência neles contida, Sexto relata que “é possível reduzir todo objeto de indagação” (isto é, toda questão essencialmente filosófica) “a um desses [cinco] tropos” (*Hipotiposis*, I 1, 170).

No entender de Hegel, enquanto evidenciam em tudo que é finito seu caráter *instável*, isto é, que tudo está continuamente em devir – sendo esse um aspecto determinante do movimento dialético⁸² do próprio espírito (*Geist*), mas que passa necessariamente despercebido ao entendimento –, os tropos pressupõem um forte conteúdo especulativo, na medida em que colocam em questão não apenas teorias ligadas ao conhecimento da consciência imediata, isto é, ao conhecimento sensível, mas também, e sobretudo, aquelas teorias cujos enunciados são derivados da faculdade do entendimento, antes totalmente imunes aos primeiros dez tropos⁸³.

Cumprе salientar, todavia, que essa visão favorável de Hegel a respeito do ceticismo antigo tem limites bastante determinados. Mesmo porque deve haver uma alternativa legítima que não se resuma à dicotomia ceticismo *ou* dogmatismo, a saber: seu idealismo absoluto. O ceticismo antigo, ainda que encontre sucesso contra o dogmatismo do entendimento ordinário, é superado, segundo nosso autor, porque fica preso ao momento da negatividade. Noutras palavras, como ao *negativo* se contrapõe necessariamente o *positivo*, isto é, o *positivo*

⁸⁰ A objeção contra a legitimidade do empreendimento filosófico pautada na pluralidade das doutrinas filosóficas no decorrer da história já se encontrava presente, embora não nesse formato, nos dez primeiros tropos de Enesidemo. Cf. HARRIS 2000, p. 260.

⁸¹ *Hipotiposis*, I 1, 164-177.

⁸² O que parece sugerir, ao menos à primeira vista, que podemos encontrar nos tropos de Agripa a fonte histórica originária do conceito de negatividade, tão fundamental para a estrutura lógica do sistema hegeliano, enquanto constitui a mola propulsora do movimento dialético.

⁸³ Pois, como dissemos, os tropos de Enesidemo colocam em questão apenas o conhecimento sensível. Cf. nota 13.

racional, entendido como o momento lógico superior do dialético, a consciência-de-si cética também traz em si um aspecto finito, unilateral, ao não perceber que o negativo somente é em sua recíproca referência ao *positivo*⁸⁴. De modo que nenhum dos dois termos existe isoladamente, mas antes, e tão somente, numa concreta unidade *diferenciada* de termos contrapostos.

Eis, portanto, a fonte do equívoco, salienta Hegel, de toda e qualquer postura cética. Uma vez que não compreende que toda negação consiste numa *negação determinada* (expressão claramente inspirada na *Carta L* de Spinoza, "*omnis determinatio est negatio*"), e que exatamente por isso qualquer negação deve necessariamente trazer consigo um *determinado* conteúdo, o ceticismo antigo, enquanto está preso a uma lógica bivalente⁸⁵, de caráter não dialético, vale frisar, encontra em si mesmo os germes de sua própria superação⁸⁶.

Mas não basta, filosoficamente falando, superar as implicações céticas dos tropos de Agripa a partir do ponto de vista do sistema hegeliano, pura e simplesmente. Pois, como sabemos, *um asseverar seco vale tanto quanto outro*⁸⁷. Por essa razão, com o intuito de não ver seu sistema sucumbir ao método da equipolência, pensa Hegel, faz-se então necessário fundamentá-lo em bases realmente sólidas. Além disso, como dissemos, essa necessária fundamentação do início do sistema deve encontrar seu ponto de partida na arena de batalhas do próprio ceticismo⁸⁸. O que se traduz então numa necessária apropriação dialética⁸⁹, por parte do idealismo hegeliano, dos tropos da suspensão do juízo. Ou seja, nesse contexto os tropos acabam funcionando como uma espécie de *instrumento*⁹⁰, sendo esse, pode-se dizer, o único modo viável de superar⁹¹ definitivamente o fantasma do ceticismo.

Entretanto, antes de apresentar as teses defendidas por Hegel a favor da legitimidade da sua filosofia, cumpre dizer algumas palavras sobre o local na arquitetura do sistema que, conforme entendemos, corresponde ao momento de sua fundamentação; sobretudo porque a

⁸⁴ FORSTER 2000, p. 39.

⁸⁵ Isto é, a uma lógica aristotélica, que nada mais é que um produto das determinações fixas e estanques do entendimento. Para mais sobre a relação entre a lógica de Aristóteles e a lógica dialética de Hegel, Cf. CIRNE-LIMA 1996, p. 14.

⁸⁶ HEGEL 1838, p. 422.

⁸⁷ HEGEL 1807, p. 66.

⁸⁸ FORSTER 1989, p. 4.

⁸⁹ "Dialética", cumpre ressaltar, porque passam a cumprir uma finalidade outra que aquela unicamente em vista da qual foram criados, contrariando assim seu próprio princípio. Ou seja, quando utilizados pelos céticos, reduzem a nada a possibilidade de um conhecimento seguro. Quando utilizados por Hegel, todavia, reduzem a nada a segurança do ceticismo, ao mesmo tempo em que servem como instrumento para a consecução de uma forma de conhecimento absolutamente segura que, por seu turno, fica imune ao desafio cético.

⁹⁰ Apesar de todas as ressalvas hegelianas a essa palavra, como os primeiros parágrafos da sua famosa introdução à *Fenomenologia do Espírito* demonstram. Sobre isso, cf. HYPOLITE 2003, p. 22.

⁹¹ Em virtude do princípio que adotou, como lembra Châtelet, Hegel "não pode refutar nenhuma filosofia, limita-se a situá-la no seu contexto", cf. CHÂTELET 1994, p. 117.

respeito deste tema ainda reina muita imprecisão⁹². Dito isso, sustentamos a tese de que o idealismo absoluto hegeliano não encontra sua fundamentação na *Fenomenologia do Espírito*, mas sim na *Ciência da Lógica*. Realmente, a *Fenomenologia* tem como principal tarefa demonstrar a parcialidade de todos os saberes imperfeitos da consciência natural através de um processo dialético-fenomenológico cumulativo de superação, no qual cada um desses saberes da consciência – dentre os quais se inclui também o ceticismo como uma das figuras da consciência ordinária – encontra sua verdade não em si mesmo, mas no saber da figura fenomenológica que dialeticamente o sucede. De modo que esse processo dialético-fenomenológico cumulativo tem como resultado o puro saber de si do espírito, isto é, o *puro saber*, enquanto *pura identidade de ser e pensar*⁹³; sendo este, segundo Hegel, o conceito da ciência fornecido pela *Fenomenologia* à *Ciência da Lógica*⁹⁴. Como enfatiza nosso autor, “o conceito da ciência pura e sua dedução devem funcionar como as pressuposições básicas da *Ciência da Lógica*, mesmo porque a *Fenomenologia do Espírito* não é mais do que a dedução desse conceito” (HEGEL 1816, p. 46). Ou seja, se a *Lógica* deve pressupor o conceito da ciência oriundo da *Fenomenologia*, então parece inevitável concluir que o resultado da última figura da ciência da experiência da consciência deve servir, por si só, como o *único* fundamento legítimo do início da grande *Lógica*.

Noutro momento, porém, o próprio Hegel salienta que o “começo [da ciência] não deve pressupor nada, não deve ser mediado por nada, nem ter um fundamento, melhor, deve ser ele mesmo o fundamento de toda a ciência” (HEGEL 1816, p. 65). Se se trata de um começo absoluto, como ele realmente almeja, então sua importância reside em que ele deve suportar todo o edifício da *Lógica* (BONACCINI 2000, p. 147). Assim, muito embora o sistema constitua um todo orgânico, no qual cada uma de suas partes guarda uma conexão dialética intrinsecamente necessária com as demais, a *Lógica* não pode garantir a necessidade do seu começo absoluto baseando-se *unicamente* no conceito de ciência oriundo da *Fenomenologia*.

Por essa razão, o argumento de que o início da *Lógica* é mediado pela *Fenomenologia* funciona apenas para o indivíduo que não possui nenhuma objeção à passagem *dialeticamente necessária* do ‘puro saber’, como identidade de ser e pensar, obtido através do processo fenomenológico, ao ‘puro ser’, ponto de partida da *Ciência da Lógica*. Ao passo que para o cético, e reside aqui todo o problema, esse mesmo argumento não

⁹² Embora não seja nossa intenção – sobretudo em se tratando de uma pesquisa em andamento – apresentar algo definitivo sobre este problema.

⁹³ BONACCINI 2000, p. 154.

⁹⁴ HEGEL 1968, 46.

funcionaria como uma prova satisfatória, pois, do ponto de vista do ceticismo, soaria arbitrário o fato de o início de uma obra filosófica, que se pretende ciência, pressupor o resultado de outra obra. Com efeito, isso significa simplesmente que o desafio cético ainda se impõe como um forte obstáculo, enquanto implica que a verdadeira ciência não pode pressupor absolutamente nada, sob pena de sucumbir aos tropos da suspensão do juízo.

Uma vez esclarecido esse ponto, passemos agora ao exame do processo de fundamentação, propriamente dito. Conforme mencionamos acima, tal processo ocorre num diálogo com os cinco tropos de Agripa, precisamente num texto que antecede o primeiro capítulo da *Ciência da Lógica*, intitulado “*Com o que deve ser feito o início da Ciência?*”. Dos cinco tropos, vale frisar, apenas três interessam a Hegel nesse contexto, que são o segundo, o quarto e o quinto; ao passo que os outros dois, o primeiro e o terceiro, são refutados a partir do interior mesmo do sistema. Apesar disso, em função da natureza do problema aqui considerado, algumas palavras devem ser ditas sobre os mesmos.

No que respeita ao primeiro tropo, que consiste em desacreditar o empreendimento filosófico com base no argumento da *diversidade*, a resposta de Hegel, bastante conhecida, consiste em afirmar que essa suposta pluralidade de sistemas filosóficos, se observada mais de perto, mostrar-se-á ilusória. Na verdade, não há senão uma *única idéia* de filosofia. Todas as filosofias históricas, segundo essa perspectiva, são essencialmente ligadas umas às outras em função de uma determinada conexão interna e dialética – assim como as sucessivas etapas no processo histórico de formação do espírito na *Fenomenologia* –, posto que a idéia que as anima é somente uma, ainda que assuma formas diferentes. No entanto, para alçar ao ponto de vista especulativo, momento do lógico capaz de identificar a unidade na multiplicidade, condição indispensável para compreender que a união diferenciada de contrários é um aspecto inerente a todas as coisas, é necessário, segundo Hegel, não se ater à lógica dual do entendimento, que, diante da diversidade, apenas abstrai e pára inadvertidamente na contradição.

Com relação ao terceiro tropo, o da *relação*, o próprio conceito de absoluto por si só o reduz a nada. Como nenhum tipo de dicotomia tem direito de cidadania no seio do absoluto, cai por terra a idéia, até então dominante no cenário filosófico do Idealismo alemão⁹⁵, de que há no processo de conhecimento o sujeito cognoscente de um lado, e o objeto cognoscível, de outro. Aqui, contudo, é o próprio absoluto que se conhece a si mesmo, de maneira tal que ele é simultaneamente sujeito cognoscente e objeto cognoscível. Logo, como revela a introdução

⁹⁵ Constituinte da doutrina do jovem Fichte e a filosofia da identidade de Schelling as duas únicas exceções.

da *Fenomenologia do Espírito* ao tratar da consciência natural que ainda não se sabe espírito, o absoluto é seu próprio padrão de medida, não havendo necessidade por isso de nenhum padrão de verdade extrínseco a ele.

Mesmo porque o absoluto possui como característica principal não guardar relação com nada que não seja ele mesmo, isto é, com o próprio absoluto. Não fosse assim, seria contraditório, pois não seria absoluto, já que lhe faltaria algo, com o qual, de alguma forma, haveria de se relacionar, privando-o assim de corresponder ao seu próprio conceito, isto é, de sua absolutidade. Nesse sentido, a única forma de relação possível é apenas do absoluto consigo mesmo, portanto, uma relação interna e necessária, uma vez que é precisamente nessa relação interna consigo mesmo que o absoluto se conhece, através de um longo processo histórico dialético, como espírito absoluto.

Não obstante isso, a atenção de Hegel, quando parte para legitimar o início do sistema – no texto acima citado –, está completamente voltada, como dissemos, para os outros três tropos. Por esse motivo, o primeiro conceito que deve lhe servir de fundamento para a ciência é justamente o *puro ser* que, por ser absolutamente vazio de determinações, fica idêntico ao *puro nada* – repousando assim a legitimidade do início da lógica dialética nessa imediatez pura, que nada mais é que o *puro ser*. Numa palavra, temos o *puro ser*, categoria mais universal do absoluto, como a absoluta identidade de ser e pensar⁹⁶. O que significa dizer, portanto, que o idealismo absoluto não parte arbitrariamente de nenhum pressuposto injustificado e, por essa razão, não confere ao cético o direito de, com base no tropo do axioma, postular outro princípio do lado oposto igualmente válido, de modo a legitimar sua suspensão do juízo. O mesmo se pode dizer a respeito do segundo tropo, o do regresso ao infinito na tentativa de fundamentação, já que o fundamento aqui, o puro ser, é totalmente indeterminado, pois não traz consigo nenhuma determinação. Ou seja, como o *puro ser* é totalmente indeterminado, vazio de todo e qualquer conteúdo, não há como regredir infinitamente na tentativa de legitimar um conteúdo determinado, simplesmente porque não há *o que* fundamentar.

Mas, além do *começo lógico*, enquanto indeterminação absoluta, isto é, como *puro ser*, cimeta também o princípio de sua *Lógica* o argumento da *prova circular*. Sua pretensão básica consiste, pois, na asseveração de que a verdade se organiza em um todo dialético estrutural cujo ponto de partida coincide necessariamente com o resultado final e forma assim uma unidade com ele⁹⁷. Noutro momento, Hegel chega a afirmar que o essencial para a

⁹⁶ HEGEL 1816, p. 65.

⁹⁷ HEGEL 1838, p. 455.

ciência não é tanto que o começo constitua um *imediato puro*, mas que sua totalidade não seja mais que um “percurso *circular* em si mesmo, no qual aquilo que é primeiro torna-se o último e o último, por sua vez, torna-se também o primeiro”⁹⁸. Ou seja, na medida em que o *Absoluto* se apresenta em sua mais genuína verdade sob a forma “fechada” de uma *circularidade* categorial estritamente dialética, desse modo passa a ser totalmente irrelevante, no caso da ciência, se esta possui um início imediato ou não, uma vez que *todas* as suas categorias seriam *simultaneamente* mediatas e imediatas. Assim, o sistema hegeliano não ficaria devedor do último tropo, o da circularidade na fundamentação, porque, em se tratando do absoluto, fundamento e fundamentado são uma e a mesma coisa. O que não significa outra coisa senão que é precisamente o absoluto que se justifica a si mesmo, *causa sui*, não havendo portanto uma relação extrínseca entre os dois, fundamento e fundamentado, tal como ocorre nas teorias dogmáticas, ainda presas à lógica dual do entendimento.

Certamente, estamos cientes de que existe muito ainda a ser dito a respeito dos problemas aqui levantados. Apesar disso, acreditamos ter mostrado que os principais argumentos dos antigos céticos gozam, com efeito, de importância fundamental no conjunto da filosofia hegeliana e que, longe de negligenciar, ou simplesmente tratar marginalmente o problema do ceticismo, Hegel – como pretendemos demonstrar ao término da pesquisa – parece partir do princípio de que a única forma viável de fundamentação filosófica legítima consiste, portanto, em levar devidamente a sério o problema do ceticismo.

REFERÊNCIAS

AMERIKS, K. *The Cambridge Companion to German Idealism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

ANNAS, J. Barnes, J. *The modes of Skepticism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1985.

ARISTÓTELES. *Metafísica*; texto grego com tradução de Giovanni Reale; Tradução para o português de Marcelo Perine; vol.II. São Paulo: Loyola, 2002.

ARISTOTLE. *Posterior Analytics*. vol.II; trad. Hugh Tredennick. Cambridge; London: Harvard University Press, 1989.

⁹⁸ HEGEL 1816, p. 66.

ATTALA, Daniel A. "Crítica e interpretação del escepticismo en el artículo de Hegel: Relación del escepticismo con la filosofía, de 1802". In: *Kriterion: revista de filosofía*, n.93 (jun.1996). Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1996. pp.123- 133.

AUNE, B. *Knowledge of the External World*. London N.York: Routledge, 1991.

BARRÉRE MARTIN, L. F. "Alguns aspectos da compreensão hegeliana do ceticismo antigo a partir da crítica ao ceticismo de Gottlob Ernst Schulze". In: *Revista DoisPontos*. Curitiba, São Carlos: outubro, 2007. Vol. 4, n. 2, pp.221-246,

_____. *O ceticismo na filosofia de Hegel em Jena (1801-1802)*. Dissertação de Mestrado em Filosofia, IFCH/Unicamp, 2004.

BAUM, M. *Die Entstehung der Hegelschen Dialektik*, Bonn, Bouvier, 1986.

BAVARESCO, Agemir. "Um direito de natureza ética e o método especulativo hegeliano". In: *Dissertatio*, n.19-20 (edição comemorativa de 20 anos). Pelotas: Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, 2004. pp.255-281.

BECKENKAMP, Joãozinho. *O Jovem Hegel: formação de um sistema pós-kantiano*. São Paulo: Loyola, 2009. (Coleção Filosofia)

BEISER, F. C. *The Cambridge Companion to Hegel*, Cambridge, Cambridge University Press, 1993.

_____. *The Fate of Reason. German Philosophy from Kant to Fichte*. Cambridge MA: Harvard University Press. 1987.

_____. "Introduction: Hegel and the problem of metaphysics". In: _____. (org.). *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. pp.1-24. (Collection Cambridge Companions)

BENSCH, Hans-Georg. "Sobre o saber imediato em Hegel e na história da filosofia". trad. Joãozinho Beckenkamp. In: *Dissertatio*, n.19-20 (edição comemorativa de 20 anos). Pelotas: Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, 2004. pp.283-294.

BLANC, Mafalda de Faria. *Estudos sobre o ser*. vol.II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

BLOCH, Ernst. *Sujeto – Objeto: El Pensamiento de Hegel*. trad. Wenceslao Roces, José Maria Ripalda, Guillermo Hirata y Justo Pérez del Corral. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

BOLZANI F., R. *O ceticismo pirrônico na obra de Sexto Empírico*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1992.

_____. "Acadêmicos versus Pirrônicos". In: *Discurso*, 29, São Paulo, Discurso Editorial, 1998.

_____. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 2003.

BONACCINI, J. A. “O conceito hegeliano de “Fenomenologia” e o problema do Ceticismo”. In: *Veritas*, Porto Alegre, V. 51, n. 1, 2006, pp. 56-68.

_____. *A Dialética em Kant e Hegel*: Ensaio sobre o problema da relação entre ser e pensar. Natal: EDUFRN, 2000.

_____. *Kant e o problema da coisa em si no Idealismo alemão*: sua atualidade e relevância para compreensão do problema da Filosofia. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal: UFRN, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2003. (Coleção Metafísica; v.3).

BRAUER, D. *Ser, nada, devenir*. Uma interpretación del comienzo de la Ciencia de la lógica de Hegel. In: *Revista Latinoamericana de Filosofía*, n.12. Buenos Aires, 1986. Pp.301 -321.

BROCHARD, V. *Les Sceptiques Grecs*. Paris: LGF, 2002.

BUCHNER, H. "Hegel und das Kritische Journal der Philosophie" In: *Hegel-Studien 3*, Bonn, Bouvier, 1965.

_____. "Zur Bedeutung des Skeptizismus beim Jungen Hegel". In: *Hegel-Studien*, Beiheft 4, Bonn, Bouvier, 1969 (também em *Hegel-Tage*, Urbino, 1965).

BURNYEAT, M. (Ed.) *The Skeptical Tradition*, Los Angeles, University of California Press, 1983.

_____. “Can the Skeptic Live his Skepticism?” in *The Skeptical Tradition*, ed. M. F. Burnyeat (Berkeley: University of California Press), 1983.

CHÂTELET, François. *Hegel*. trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. (Coleção Biblioteca de Filosofia).

_____. *Uma história da razão*: Entrevistas com Émile Noel. trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

CIRNE-LIMA, Carlos Roberto V. “A Lógica do Absoluto”. In: *Nova Fase*, v. 20: n. 63. Belo Horizonte, 1993. pp. 499-532.

_____. “Carta Sobre Dialética: O que é Dialética?”. In: *Nova Fase*, v. 21; n. 67. Belo Horizonte, 1994. pp. 439-447.

_____. *Sobre a contradição*. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. (Coleção Filosofia; v.6).

EVA, Luiz Antonio Alves. “O primeiro cético (acerca da coerência do pirronismo)”. In: SILVA FILHO, Waldomiro J. (org.). *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. pp.45-86. (Coleção Filosofia; v.13).

FERNÁNDEZ, Jorge Eduardo. *Finitud y mediación*: la cualidad en la Lógica de Hegel. Buenos Aires: Ediciones del Signo, s/d. (Colección Nombre Propio, 5)

FERRER, Diogo Falcão. *Lógica e Realidade em Hegel: a Ciência da Lógica e o problema da fundamentação do sistema*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.

FORSTER, Michael. "Hegel's dialectical method". In: BEISER, Frederick C. (org.) *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. pp.130-170. (Collection Cambridge Companions).

_____. *Hegel and Skepticism*. Cambridge: Ma, Harvard University Press, 1989.

_____. *Hegel's Idea of a Phenomenology of Spirit*, Chicago: University Press of Chicago, 1998.

FULDA, H. F. *Das Problem einer Einleitung in Hegels Wissenschaft der Logik*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1975.

GÉRARD, G. *Critique et Dialectique, l'itinéraire de Hegel à Iena (1801-1805)*. Bruxelas: Publications des Facultes Universitaires Saint-Louis, 1982.

GIOVANNI, G. di and Harris, H.S. (eds.) *Between Kant and Hegel: Texts in the Development of post-Kantian Idealism*, Albany, State University of New York Press, 1985.

GRAYLING, A. *The Refutation of Skepticism*, London, Duckworth, 1985.

GUEROULT, M. *Histoire de l'Histoire de la Philosophie, en Allemagne de Leibniz a nos jours*, Paris, Aubier, 1978.

GUYER, Paul. "Thought and being: Hegel's critique of Kant's theoretical philosophy". In: BEISER, Frederick C. (org.) *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. pp.171-210. (Collection Cambridge Companions).

HANKINSON, R. J. "The end of skepticism". In: *Kriterion: revista de filosofia*, n.96 (jul./dez.1997); vol. XXXVIII. Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1997. pp.7-32.

HARRIS, H. S. "Skepticism, dogmatism and speculation in the Critical Journal", in: G. Di Giovanni & H.S. Harris (eds. and transl.) *Between Kant and Hegel. Texts in the development of Post-Kantian Idealism*. Revised Edition. Indianapolis: Hackett, 2000.

_____. *Hegel's Development: Toward the Sunlight 1770-1801*. Oxford, Oxford University Press, 1972.

_____. *Hegel's Ladder*, 2 Vols. Indianapolis/Cambridge: Hackett, 1997.

_____. *Hegel: Phenomenology and System*. Indianapolis: Hackett, 1995.

HARTMANN, Nicolai. *La filosofía del idealismo alemán: Hegel*. trad. Emilio Estiú; vol.II. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1960. (Colección Biblioteca de Filosofía).

HASLER, L. "Zur philosophischen Funktion des Skeptizismus beim fruehen Hegel". *Hegel-Jahrbuch*, 1976.

HEGEL, G.H.F. *Theorie Werkausgabe, Werke in Zwanzig Bänden*, hrsg. von Karl Markus Michel und Eva Moldenhauer. Frankfurt a/m. 1969-ss.

_____. *Wissenschaft der Logik*, in 2 Bänden. Frankfurt: Suhrkamp, 1969.

_____. *Phänomenologie des Geistes*. Neu hrsg. Von H-F Wessels und H. Clairmont. Mit einer Einleitung von W. Bonsiepen/Auf dem Text der kritischen Edition G. W. F. Hegel, *Gesammelte Werke*, IX, hrsg. Von W. Bonsiepen u R. Heed (1980). Hamburg: F. Meiner, 1988.

_____. *Verhältnis des Skepticismus zur Philosophie, Darstellung seiner Verschiedenen Modificationen, und Vergleichung des Neuesten mit dem Alten*. En: *Gesammelte Werke*, Band 4. Hrsg. Von Hartmut Buchner u. Otto Pöggeler. Hamburg: Meiner, 1968.

_____. *Ciencia de la Lógica*. trad. Rodolfo e Augusta Mondolfo. Buenos Aires: Solar/Hachete, 1968.

_____. *Diferencia entre el sistema de filosofía de Fichte y el de Schelling*. trad. Juan Antonio Rodríguez Tous. Madrid: Alianza Editorial, 1989. (Colección Alianza Universidad – Filosofía; v. 575).

_____. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio (1830)*, trad. Paulo Menezes. 3 vols., São Paulo: Loyola, 1995.

_____. *Fe y saber: o la filosofía de la reflexión de la subjetividad en la totalidad de sus formas como filosofía de Kant, Jacobi y Fichte*. trad. Vicente Serrano. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000. (Colección Clasicos del Pensamiento; v.8).

_____. *Fenomenologia do Espírito*, 5ª ed., trad. Paulo Menezes. 2 vols., Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. *Relación del escepticismo con la filosofía*, trad. Maria del Carmen Paredes. Madrid: Biblioteca Nueva, 2006.

_____. *Lecciones sobre la Historia de la Filosofía*. Traducción de Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1955.

HENRICH, Dieter. *Between Kant and Hegel: Lectures on German Idealism*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2003.

HUME, David. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. trad. Déborah Danowski. São Paulo: UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

HYPOLITE, Jean. *Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel*. 2.ed.; trad. Sílvio Rosa Filho. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

JAESCHKE, Walter. “Sobre o conceito de filosofia alemã clássica”. trad. Joãozinho Beckenkamp. In: *Dissertatio*, n.19-20 (edição comemorativa de 20 anos). Pelotas: Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, 2004. pp.294-312.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 5 ed. trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. (Coleção Textos Clássicos).

KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*, trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto: Eduerj, 2002.

LANDIM FILHO, Raul. "Sobre a verdade". In: *Nova Fase*, v. 20; n.63. Belo Horizonte, 1993. pp.459-475.

LEBRUN, Gérard. *La patience du Concept*. Paris: Gallimard, 1972.

LUFT, Eduardo. *As sementes da dúvida: investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana*. São Paulo: Mandarim, 2001.

_____. *Para uma crítica interna ao sistema de Hegel*. Porto Alegre: EDPUCRS, 1995. (Coleção Filosofia; v.25).

_____. *Sobre a coerência do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MARQUES, Antônio. "Gottlob Ernst Schulze: Uma interpretação céptica do criticismo". In: *Recepção da Crítica da Razão Pura: Antologia de escritos sobre Kant (1786-1844)*. Coordenação de Fernando Gil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992. pp. 247-253 (Coleção Manuais Universitários).

MAZORA, M. *La cuestión del comienzo en la lógica de Hegel: Crítica a la posición de Gadamer*. Morón: Univ. de Morón. Inst. De Filosofia, 1990.

MIRANDA, Sérgio Ricardo Neves de. "Epistemologia naturalizada: uma petição de princípio?". In: *Síntese – Revista de Filosofia*, v.30; n. 96. Belo Horizonte, 2003. pp.53-64.

MUSGRAVE, Alan. *Common Sense, Science and Scepticism*. Cambridge: University Press, 1993.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Dialética hoje: lógica, metafísica e historicidade*. São Paulo: Loyola, 2004. (Coleção Filosofia).

PALAVECINO, Sergio R. "La Certeza Fuera de la Verdad". In: *Kriterion: revista de filosofia*, n.93 (jun.1996). Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1996. pp.184-194.

PINKARD, Terry. *Hegel's phenomenology: the sociality of reason*. New York: Cambridge University Press, 1998.

PIPPIN, R. B. *Hegel's Idealism: The Satisfactions of Self-Consciousness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

POPKIN, Richard Henry. *História do ceticismo de Erasmo a Spinoza*. trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

POPPER, Karl R. *Conjecturas e Refutações: o progresso do conhecimento científico*. 2.ed.; trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. (Coleção Pensamento Científico; v.1).

PORCHAT, O. "Ainda é preciso ser cético". In: *Discurso*, 32, São Paulo, Discurso Editorial, 2001.

_____. *Verdade, realismo e ceticismo*, in: *Discurso*, São Paulo, 25 (1995).

_____. *Vida comum e ceticismo*, São Paulo, Brasiliense, 1994.

_____. "A autocrítica da razão no mundo antigo". In: SILVA FILHO, Waldomiro J. (org.). *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. pp.23-44. (Coleção Filosofia; v.13).

_____. "O conflito das filosofias". In: PRADO JÚNIOR, Bento. et alii (org.). *A filosofia e a visão comum do mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. pp. 9-21. (Coleção Almanaque).

_____. *Ciência e dialética em Aristóteles*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001. (Coleção Biblioteca de Filosofia; v.1).

_____. "Sobre o que aparece". In: *Revista Latinoamericana de Filosofia*, Vol. XVII, n.2, Buenos Aires, 1991. pp. 195-229.

RAURICH, Héctor. *Hegel y la Lógica de la Pasión*. Buenos Aires: Marymar, 1975.

ROCKMORE, T. *Hegel's Circular Epistemology*, Bloomington, Indiana University Press, 1986.

SANTOS, José Henrique. "O Ceticismo e a Descoberta da Razão na Fenomenologia do Espírito de Hegel". In: *Kriterion: revista de filosofia*, n.93 (jun.1996). Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1996. pp.134-145.

SCHULZE, G. E. *Kritik der theoretischen Philosophie*. Hamburg: C. E. Bohn, 1801.

_____. *Aenesidemus, oder über die Fundamente der Von Herrn Prof. Reinhold in Jena gelieferten Elementar-Philosophie. Nebst einer Vertheidigung des Scepticismus gegen die Anmaassungen der Vernunftkritik (1792)* (2. Auflage. Neudrucke seltener philosophischen Werke, herausgegeben von der Kant-Gesellschaft. Berlin: Reuter & Richard, 1911).

SEXTUS EMPIRICUS. *Outlines of Pirronism*. In: *Sextus Empiricus, in four volumes*, edited by R. G.Bury. Cambridge: MA/ London: Harvard University Press/W. Heinemann Ltd., 1976, vol. 1.

SICHIROLLO, Livio. *Dialética*. Lisboa: Editorial Presença, 1980. (Coleção Biblioteca de Textos Universitários; v. 38).

SIEMEK, Marek J. "A concepção da filosofia transcendental". trad. Stefan Bulawski. In: *Síntese – Revista de Filosofia*, v.30; n. 96. Belo Horizonte, 2003. pp.107-118.

SMITH, Plínio Junqueira. "Relativismo e natureza do juízo". In: *Dissertatio*, n.7 (Inverno de 1998). Pelotas: UFPel, 1998. pp.5-22.

_____. *Ceticismo Filosófico*. São Paulo: EPU/Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

STRIKER, Gisela. *Essays on Hellenistic Epistemology and Ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

STROUD, B. *The Significance of Philosophical Skepticism*, Oxford, Oxford University Press, 1984.

TAYLOR, Ch. *Hegel*, Cambridge, Cambridge University Press, 1975.

URDANOZ, Teófilo. *Historia de la filosofía: Siglo XIX: Kant, idealism y espiritualismo*; t. IV. Madrid: Editorial Católica, S/A, 1975. (Coleção Biblioteca de Autores Cristianos).